

HOMENS E FACTOS DE HOJE E DE ANTANHO

MENDES LEAL



JOSÉ da Silva Mendes Leal, pontificou nas letras patrias; dramaturgo, orador, poeta, historiografo e novelista, foi gran mestre da Maçonaria, ministro, par do reino e embaixador; e já ninguém dele se recorda hoje, excepto eu, que lhe devi a benevolencia dos seus conselhos literarios, quando, creança ainda, comecei a ver-sejar.

Amigo e colega de meu pai no parlamento, mostrava Mendes Leal pela minha suposta futura gloria literaria carinhoso interesse.

E não só ele, outros politicos, tambem por igual motivo de boas relações com o progenitor, punham seu cuidado em que o genito viesse nas letras, um dia, a ser alguem.

E que o seria me assegurava cada qual, se os seus respectivos ditames pessoais seguisse. E, porque os não seguí, nada fui.

Eram esses meus pedagogicos amigos, á excepção de Silveira da Mota, literatos falhados, que, na sua fatal mania de alcançarem fama, haviam, como geralmente succede aos que nas letras baldam esforço e tempo, buscado evidencia e celebridade no ser-

viço da *Politica*, a decima musa ou seja as *malas-artes*.

E dos officios mestres, não tendo, por ingênita rebeldia atendido aos conselhos, muito vagamente me recordo já.

De Mendes Leal, porem, não me tenho esquecido, porque uma especie de profecia sua me impressionou profundamente, embora extranho paradoxo me parecesse quando a ouvi.

Foi, ha bem trinta e oito anos, numa festa dada pelo ultimo marquez do Rio Maior, no seu palacio á Anunciada, em honra de Mazella, aquele nuncio de S. S. que veio a morrer cardeal e, em 1883, ia deixar Lisboa, vencido por um moço ministro da justiça del-Rei D. Luis I, na questão da apresentação dos bispos para aquelas Sés que, ao tempo, estavam em Portugal *vacantes*.

O velho bardo do *Pavilhão Negro*, dera-me nessa noite a honra de me chamar a junto dele, para conversar comigo, que, havia poucos dias, regressára do secretariado de Angola.

Queria saber por que artes conseguira eu, numa interinidade minha governativa, decretar o registo civil obrigatorio naqueles reinos de Angola e Congo; e tambem queria lhe dissesse se era verdade, ou não, ter eu concorrido, como lhe haviam contado, para a escolha

que o governo fizera do bispo lá, D. José Neto, para cardeal patriarca de Lisboa, escolha essa que muito contrariára o Nuncio.

E a proposito de tal nomeação, e daquela festa fidalga, a que assistiamos, especie de parada de forças a recrutar, possivelmente para a politica do neo catolicismo, na mais aristocratica roda de Lisboa, já a esse tempo bastante gafa de adventicios vindos da grande finança e do parlamentarismo, disse me Mendes Leal: — daqui a cincoenta anos, «meu joven amigo, o mundo pertencerá ao operariado comanditado pela companhia de Jesus».

E como notasse o meu espanto, explicou-se pouco mais ou menos nestes termos, que na manhã seguinte registei, *ad perpetuum rei memoriam*.

«— Aos netos destes proceres, (proceres disse ele, que sempre falara difícil), que ai vemos nesses salões, tão convictos da hegemonia que hoje desfrutam na sociedade portuguesa, não chegará a hora de a exercer, pois, já, terá sido liquidada miseravelmente a situação politica e social de hoje.

«Se o não fôr pela concreção de ideia colectivista na forma do socialismo chamado católico, — transição fatal para um comunismo á maneira do que houve no Paraguay e Maranhão — se-lo-ha pela revolução de caracter meramente económico nas reivindicações do povo.

«Em qualquer das formas, porem, em que o problema se resolva, a companhia de Jesus prevalecerá espiritualmente.

«As actuais classes sociais preponderantes, restos duma illustre aristocratica historica e a alta burguesia, engrandecida pelo regime parlamentar e capitalista deste seculo, estão concorrendo, dia a dia, para dar maior força á politica da companhia de Jesus, imaginando salvarem-se dentro do imperialismo desta.

«E' uma ilusão, meu amigo, é uma ilusão! Todo o imperialismo implica uma raza igualdade dos imperados, não só em relação ao imperante, mas ainda, para a igualdade ser completa não admite a supremacia de classe social alguma sobre outra. E isto é a negação absoluta da razão de ser, tanto do antigo regimen nobiliárquico de lustre guerreiro ou de competencias estadísticas das organizações monárquicas, modelo Luís XIV como do regime capitalista ou burguez das monarquias e republicas parlamentares.

«A companhia de Jesus é essencialmente inimiga duns e doutros, porque o seu objectivo é o comunismo economico, sob o governo moral dos seus geraes. Aos fidalgos ilusionados pelo preconceito de casta e aos burguezes deslumbrados pela sua situação preponderante actual, bastava-lhes reflectir sobre o facto da Companhia de Jesus ter promovido, pela sua politica capciosa, a confusão da aristocracia velha com a burguesia recém engrandecida pela *tripotage* e pela usura, explorando, a bem de tal confusão, a decadencia pecuniária daquela e o *snobismo* desta, para claramente se lhes evidenciar que a politica da Companhia tem sido sempre dum cruel oportunismo, aproveitando-se das supremacias, duns e outros emquanto tiverem prestigio nas multidões para vir a final a estabelecer depois de as confundir, a sua propria supremacia social.

E vai seguindo a mesma politica convicta de que a ruína e morte dos regimes oligarquicos é inevitavel num futuro mais ou menos proximo.

«E quando a crise se der, ver-se ha a Companhia, pelo proletariado contra os possidentes.

«Na verdade, a Terra, fonte da riqueza e teatro da actividade humana, é patrimonio de toda a humanidade, e não morgadio e apanagio para goso de uma parte dela somente; é inevitavel, e é justo, que a luz desta verdade se faça.

«Ora, como a espiritalidade humana é tambem uma realidade, que tem a immortalidade que a especie tiver, e a alma vibra constante no receio da morte do corpo e na ancia dum bem mais intimo e profundo, o do espirito, factos estes de que resulta a religiosidade do homem, aquella teologia moral que no periodo da historia, em que a humanidade se rebolque num sensualismo grosseiro de gosos materiais, harmonizar a satisfação destes com aquele anção, será a que dominará universalmente.

«O período de lutas entre as diferentes modalidades de entender Deus dentro da mesma religião, passou para sempre no catolicismo romano, pois que o «trust» de todas as ordens católicas está feito, pertencendo a hegemonia á teologia dos jesuítas, que hoje são marianistas e codelátricos. E' esta teologia a que no fundo considera que o homem, por ser alma, também não deixa de ser carne enquanto vive, e que cumpre em nome de Deus harmonisar as aspirações espirituais com as necessidades imperiosas da sensualidade.

Principiou-se por preconisar com Loyola e S. Francisco de Borja, o *marianismo*, o qual veio a lograr base dogmática pela definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria o que importa a divinação da mulher; e nos fins do século XVII surgiu o culto do *Sagrado Coração*, idolatrio contra a qual o episcopado católico e os papas por mais de um século lutaram; mas acabará por vencer e triunfar plenamente de Jesus Cristo com as canonizações da histórica Maria Alcoque e quíçá do mistificador padre Colombieres, da Sociedade de Jesus.

Tanto o «marianismo» como o culto do Sagrado Coração são idolatrias creadas pelos jesuítas para propiciarem uma política religiosa de transigência e harmonia numa moral acomodativa ás humanas temporalidades, por isso, que importam a espiritualização da carnal concubiscência. E' meio de a tudo dar satisfação numa encenação que se chama «A Ordem».

Mas a «ordem» é tudo quanto, na sua eurtímia ha de mais variavel, por isso que depende das condições metológicas como agora pedantemente lhes chamam; e a habilidade do artista, isto é, do político, está em aproveitar as condições para um illusorio effeito que concorra a mostrar praticamente a apparencia de verdade da tese, a qual é o intuito da obra dos jesuítas.

Este processo é a técnica teatral.

Era a técnica o que sobretudo me preocupava quando eu escrevia para o teatro. E o meio seguro de empolgar-se o publico; e o publico é quem paga ao autor e aos actores.

Se o meu joven amigo, um dia, se dedicar a trabalhos dramaticos, cuide principalmente da tecnica da encenação porque sem ela não haverá «ordem» nem real nos movimentos das figuras, nem aparente nas ideias; e sem apparencias, que é que o publico vê, não se prende o publico e este é... quem paga.

— A ordem! a ordem social? a ordem política?

Artificiosas encenações! Teatro! Tudo teatro!

E logo como que segredando-me:

— O jesuíta, meu joven amigo, é um grande comediografo, e das três mascaras, a classica, a romantica e naturalista. Mas usa-as sempre espiando o seu publico, para o fazer colaborar com ele.

E' um dramaturgo oportunista; faz com as paixões, humanas, e os erros consequentes e os preconceitos, o que fazia o nosso Jorge Ferreira de Vasconcelos, enchendo a Eufrazina de adagios e anexins ao sabor do tempo. Adagios e Anexins são toda a sabedoria do publico, o qual ouvindo-os, dítos do palco, se reconhece autor, e aplaude, porque a si se aplaude.

E' esta tambem a razão do triunfo do *lugar comum* na oratoria dos comícios, e no artigo politico do jornal, porque a *opinião publica é lugar comum*».

Assim, ia dizendo o poeta; mas parecendo-lhe que eu já estava atordoado e me distraía, olhando repetidas vezes, para as raparigas que dançavam, sorriu-se benevolo e despediu-se, dizendo-me: — «Vá, divertir-se, vá, que está na idade feliz de o poder fazer, e, se chegar a velho, como eu do coração lhe desejo, ha de lembrar-se do que eu lhe digo aqui, nesta linda festa em que brilha uma sociedade, que será então apenas uma vaga recordação. E na saudade, que alguns tiverem dela, estará a esperanza de restauração do passado; serão os futuros sebastianistas».

Eu estava encantado de o ouvir, e, embora me parecessem algumas afirmações, das

que reproduzo quasi textualmente, paradoxos injustificaveis, por consideração pelo velho diplomata lusitano, tão cheio de glórias officiaes, não me atrevi a contradizê-lo.

Quantas vezes, porém, volvidos anos, me tenho recordado da profecia, do velho poeta, e perguntado a mim mesmo se realmente não virá a ser essa a proxima resultante social do neo-catolicismo.

E esse Mazela, que já então tinha vencido Bismark, fazendo com que os jesuitas fossem livres para a sua ação decente em todo o imperio alemão, não terá sido quem á Prussia feriu de morte, tornando pelo triunfo aquella sua gestão diplomatica de nuncio da Baviera, inevitavel, mais tarde ou mais cedo, a victoria dos latinos, tão diferentes no modo de ser politico da raça puramente germanica.

Diz-se e justifica-se o dito — que foram Fitch e Hegel os que venceram definitivamente a Napoleão I; por ter sido a cultura filosofica, que, por influença deles nos governos da Prussia, fizera renascer e consolidara a força moral da collectividade germanica do Norte.

Pois, com razão, igualmente fundada, se pode agora dizer que foi o neo-catolicismo que levou de vencida a ultima guerra mundial.

Na verdade, quem vence as grandes campanhas (e esta foi a maior da historia de todos os tempos) não são essencialmente os eminentes generais, nem os exímios diplomatas em evidencia; mas sim as supremas syntheses espirituais, que influindo, por suggestão sentimental, movem as consciencias e determinam o caracter moral das collectividades humanas, e a estas dão a força de resistencia invencivel. E' sempre Jeovah o Deus dos exercitos!

E, logo, surgem os homens proprios para instrumentos das ideias.

Porventura nesta segunda guerra púnica, pois a historia repete-se, Jofre — *Quintus Fabius Maximus conetator* — e Foch — *Spionem habemus* — não são dois neo-catholicos militantes!

Jofre retira-se do serviço activo do exercito para a sua aldeia nos baixos Pyreneus, fronteira da Catalunha, em protesto contra a lei que expulsou da França as congregações religiosas; e só voltou de lá para tomar comando na grande guerra; e Foch é um jesuita confesso.

E quem ignora que o partido catolico governava, havia vinte e seis anos, a Belgica, quando este minúsculo reino, que parece, se armara com os seus fortes blindados em previsão divina, se opôs á passagem dos alemães para Champagne, retardando lhes pela resistencia heroica até ao sacrificio possivel da propria nacionalidade, o passo conseguindo, assim, dar tempo á preparação militar precisa da França e da Inglaterra, para poderem tomar a ofensiva, e a que igualmente tempo houvesse (e esse mais necessario era ainda), para que a ideia imperialista, que é a formula politica neo-catolica, superasse com o imperialista Wilson a natural repugnancia instintiva da grande nação norte-americana a ir contra a civilização alemã, cujo espirito, sob o ponto de vista da compreensão do que seja a missão social do dinheiro (critério ethnico moral este que principalmente a caracteriza e a differença da civilização latina), é hoje o dela, tanto na sua essencia como no modo de concretar-se, porquanto sua grandesa industrial, deve-a á America do Norte, á onda de sangue germanica que se lhe infiltrou com a grande emigração, em massa, do Hanover em 1848.

E depois não foi a revolta effectuada na rectaguarda alemã promovida pelos bavaros?

Ah! os catholicos bavaros!

E dos catholicos austriacos, com os seus desfalecimentos morais e dubia diplomacia, que diremos?

Mas a victoria dos aliados rompeu o equilibrio politico da Europa, e determinou o tremendo descalabro economico, effeito da polarização inevitavel das reservas metalicas do mundo nas mãos dos enriquecidos pela guerra, nações e individuos; e daí ha-de resultar, em reacção contrária á absorvente burguesia parasitaria, o advento do operariado.

E com o bolchevismo, no genuíno significado do termo, virá o consequente desaparecimento, por largo tempo, (quiza por seculo), da hegemonia de elites intellectuais de cultura

filosofica; e, dêsse facto, inevitavel tambem, o triunfo da Igreja Romana, visto que o problema do operariado o objectivo immediato é o *bem estar material*, e ao homem é tambem essencial um *bem* mais elevado, a satisfação do espirito, consistindo a *felicidade*, o seu *bem supremo* numa existencia em que se harmonizem a satisfação *material* e a *espiritual*. Dá-se, porém, que as condições sociais éticas do intenso periodo revolucionario não permitem, para a maioria da humanidade, que o *bem estar do espirito* lhe possa proporcionar um criticismo esclarecido e orientado pela unidade filosofica; e, como um schema de tal harmonia se acha completo e sistematizado, politica e pedagogicamente, pela Companhia de Jesus, sob o principio da abdicção do juizo propria de cada qual no do seu director espirital, a humanidade cristã será, de necessidade, colhida, com rapidez de assombrar, nessa embaladora e suave rede de sufismações da vida, e repousará feliz naquela *artificial ignorancia*, de que fala o Marquês de Pombal no preambulo do decreto da reforma da Universidade de Coimbra em 1772; e terá a ilusão de que vai realizando seu destino superior.

E' portanto, de reconhecer que Mendes Leal, aliás um poeta menor, tivêra, ha trinta e oito anos, a clarividencia genial do que está succedendo hoje; o que Inácio de Loyola tendo fundado no seculo XVI a sua Companhia de Jesus com o objectivo de combater e vencer o *Protestantismo*, só viu a triumphar neste seculo XX, quando vencida a grande guerra, o nuncio do papa para a Alemanha foi recebido pelo govêrno de Berlim!

E porque não havia de ser, se o protestantismo está na Europa, de facto, vencido?

E' bem certo que para as altas entidades politicas tem de haver tempos de toupeira e tempos de falcão, e, mais de trez seculos andou de toupeira a Companhia de Jesus, para, enfim, se mostrar hoje, á luz do dia, em alto vôo de falcão; e ei la a pairar ovante sobre a velha Europa, levando em suas garras, a um tempo de aço e de veludo, captiva a pobre alma humana, que Jesus Cristo libertara, provando, sentimentalmente com o sacrificio do *filho de Deus*, que o *homem só se deve á verdade*, embora o *malem*.

E' isto que a Cruz simboliza. E foi isto que Luthero e Malecton viram no cristianismo mas a insufficiente sciencia do tempo, não lhe permitindo outra base para a concepção de Deus, que não fosse a *revelação*, e não tendo os doutores protestantes outro método de raciocinio que não fosse o escolastico, a Reforma falhou como religião e como filosofia. E se não morreu com os reformadores foi porque os reis do norte, por politica, lhes conveiu mantê-la. Volvidos, porém, dezoito seculos depois do aparecimento de Cristo, appareceu Kant a iluminar plenamente as almas, dando lhes pelo criticismo da *razão pura* a consciencia da responsabilidade moral. E assim se ia completando a missão redemptora do cristianismo. Mas a obra de Jesus Cristo e a de Kant ei-las frustadas, a final, pela tenacidade dos jesuitas; e a Liberdade já quasi perdida vai.



COELHO DE CARVALHO

Antigo Reitor da Universidade
de Coimbra.